

MELHOR QUE ENCONTRAMOS DEUS É SERMOS ACHADOS POR ELE



"[18] Fique isto registrado para as gerações futuras, para que um povo ainda não criado louve o SENHOR. [19] Contem-lhes que o SENHOR olhou para baixo, de seu santuário celeste. Do alto olhou para a terra, [20] para ouvir o gemido dos prisioneiros, para libertar os condenados à morte. [21] Assim, o nome do SENHOR será proclamado em Sião, seu louvor, em Jerusalém, [22] quando os povos se reunirem e os reinos vierem para servir ao SENHOR." (Salmo 102.18-22 – Nova Versão Transformadora)

Quando escreveu a epístola direcionada aos cristãos em Roma, o apóstolo Paulo declarou que, em relação às Sagradas Escrituras, *“tudo o que foi escrito no passado [isto é, no período do Antigo Testamento], foi escrito para nos ensinar, para que tenhamos esperança por meio da perseverança e do ânimo que provêm das Escrituras.”* (cf. Romanos 15.4 – Nova Versão Internacional). A passagem bíblica acima é um belo exemplo do manancial de ensinamentos que é a Palavra de Deus.

No mundo em que vivemos se difunde muita a ideia de uma cristandade triunfante, composta tão somente por vitórias e conquistas de todos os tipos. Tornou-se parte da liturgia cúltrica brados de guerra como: “Aquele está feliz, diga amém! Aquele que está feliz, grite aleluia!”¹. Mas quem não está feliz, faz o quê? Tiago, irmão do Senhor Jesus, ao escrever uma carta direcionada *“às doze tribos espalhadas pelo mundo”* (cf. Tiago 5.1), aconselha os seus leitores a cantar louvores se estiverem felizes, e a orar, se estiverem passando por dificuldades (cf. Tiago 5.13 – NVT). Mas na maioria das vezes, quando alguém é assolado por uma grande adversidade, se esconde e chora. Principalmente se estiver na igreja. Não há espaço para citações de fracassos em nossos discursos espirituais inflamados. Com o lema de que *“somos mais que vencedores”* (cf. Romanos 8.37), e que *“no acampamento dos justos há cânticos de alegria e vitória”* (cf. Salmo 118.15), só lançamos como testemunho de vida aquilo que nos favorece. Mas quando contemplamos a real faceta da nossa vida, sem máscaras, sem teatralidade, sem fingimentos, percebemos que toda essa bela ideologia, quando posta em prática, se mostra totalmente ilusória. Não são poucos os lares – até mesmo cristãos – em que a verdadeira imagem dos seus membros é bem diferente daquela estampada nas fotografias espalhadas pela casa.

A maioria das igrejas evangélicas ensina os seus membros a vencer, mas não os prepara para perder. Ninguém vence sempre. Todos nós lidamos com perdas. Porém, poucos são treinados para suportar e administrar a realidade adversa, quando ela surge diante dos olhos. A maioria das pessoas ignora o fato de que nós só evoluímos quando lidamos com cansaços, guerras interiores, sonhos que se

¹ ANDRADE, Fredson. **Aquele que está feliz**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/fredson/aquele-que-esta-feliz.html>. Acesso em: 28/10/2016.

perderam no caminho e, através disso, reconquistarmos o vigor pela vida e percebermos milagres na mudança. Em geral, as pessoas não são treinadas para viver a Palavra. Elas são treinadas para frequentar igrejas. Quando se deparam com a derrota, ficam frustradas consigo mesmas, com a comunidade a qual pertencem e até mesmo com Deus, que no entendimento delas, não agiu como deveria. Cresce assustadoramente o número de cristãos, assíduos em suas respectivas igrejas, que em silêncio vivenciam verdadeiro colapso existencial. São pessoas consumidas por um permanente estado de “não-vida”. Só no Estado de São Paulo, a taxa de suicídios aumentou 21,7% nos últimos seis anos, segundo levantamento da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade)². O que a maioria das pessoas desconhece, é que quem se suicida na realidade não quer morrer, quer fugir da vida. O suicida não quer matar a vida. Ele quer matar a dor. O suicida quer muito viver. Mas não conseguindo, prefere morrer. Isso porque para ele, pior do que a morte, é a ausência de vida. O filósofo e educador, Mario Sergio Cortella, ensina que *“a tragédia não é quando o homem morre. A tragédia é o que morre dentro de um homem quando ele está vivo”*. Atualmente essa realidade é mais comum do que imaginamos. Muitas pessoas – mesmo aquelas que professam a fé cristã – há muito tempo não vivem mais. Apenas existem. Só não se deram conta desse fato.

Na contramão da teologia triunfalista disseminada nos dias atuais – principalmente nas igrejas evangélicas que abraçam a teologia da prosperidade – no Salmo 102 o que temos é um texto anônimo, sem autor identificado, que foi escrito como reação sincera, por parte do escritor, diante das tristezas e provações da vida. A passagem bíblica é considerada por muitos estudiosos bíblicos como a mais triste de toda a Bíblia. O texto bíblico é o grito de socorro (v. 1) de alguém que se encontra atribulado (v. 2), sem perspectiva de vida (v. 3), sem apetite (v. 4) e que, por causa dessa situação, estava fisicamente reduzido a pele e osso (v. 5). Sem amigos (v. 6), o autor confessa sofrer de insônia e viver em constante isolamento (v. 7). As pessoas que conhecem o salmista não se compadecem dele. Pelo contrário, em vez de oferecerem ajuda, zombam dele o tempo todo. Quando citam seu nome, é sempre de modo pejorativo (v. 8). Angústias e lágrimas servem como alimento para esse abatido poeta (v. 9). A intensidade do caos enfrentado pelo salmista o faz acreditar que, a razão de toda a desgraça vivida por ele, é porque Deus o rejeitou. Em uma cultura onde a falta de saúde era considerada sinal de castigo pelo pecado, o escritor acredita que Deus está indignado e irado com ele e, por causa disso, o expulsou para longe de Sua presença (v. 10). Em um processo de desespero, depressão e se sentindo vítima do desprezo divino, o salmista enxerga o restante dos seus dias como constante anoitecer. Não há luzes no final do túnel. Ele se sente murchando como o capim ao perceber que definha física e existencialmente (v. 11). Em consequência disso, o salmista deixa de viver e passa apenas a existir. Ele está à espera da morte, para quando ela chegar.

² PAULA FELIX. Taxa de suicídios aumenta 21,7% no Estado de São Paulo, diz pesquisa. **O Estado de S. Paulo**. Disponível em: <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,taxa-de-suicidios-aumenta-21-7-no-estado-de-sao-paulo-diz-pesquisa,10000074819>. Acesso em: 28/10/2016.

Se olharmos para o íntimo do nosso ser, será que algo da vida do salmista nos soará familiar em algum aspecto? Quando nos deitamos, será que o nosso desejo muitas vezes é o de não acordamos mais, porque acreditamos que o dia de amanhã será pior que o de hoje? Quantas vezes nos olhamos no espelho e a imagem que contemplamos, a nossa fisionomia, é oposta daquela que gostaríamos? Quando olhamos para a vida dos outros, para as alegrias que eles compartilham entre si, não surge em nós, muitas vezes, um sentimento de solidão, como se tivéssemos sido abandonados pelas pessoas e/ou até mesmo por Deus? Quando algo ruim te acontece sem nenhum motivo, ou sem que mereça, você se pergunta: “será que eu joguei pedra na cruz”? É possível que as palavras registradas no poema sejam, de algum modo, a expressão biográfica da sua vida, da sua história e que você poderia muito bem assumir a autoria desse texto? Qual tem sido o produto dos seus lábios ultimamente? Palavras de lamentos ou de esperança? Você age como testemunha da graça, ou como “tristemunha” da desgraça?

Quando tudo parece perdido, o deprimido salmista tem uma experiência com Deus que altera radicalmente a maneira como ele enxerga a vida e a realidade que o cerca. Nos versículos posteriores o salmista abandona a murmuração e volta a acreditar na soberania eterna de Deus, que reinará para sempre (v. 12). Alimentado por uma nova esperança o poeta abandona os lamentos e passa a exaltar a grandeza de Deus, ao recordar a aliança que tem com Ele. O escritor celebra a misericórdia e compaixão divinas, ciente de que o tempo certo para Deus agir é chegado (v. 13). O que vemos, então, é uma pessoa que desejava a morte, que havia desistido de viver, mas que de repente muda o seu diagnóstico de vida e passa a acreditar que Deus se manifestará na glória que Ele tem (v. 16). O que aconteceu com este homem que, durante a composição deste salmo de lamento, fez com que pausasse a escrita de derrota e continuasse a redigir o restante do salmo com palavras de fé e confiança? O que mudou na vida deste salmista a ponto de o fazer esquecer por um momento de sua angústia e até declarar que Deus “*ouvirá as orações dos indefesos e não rejeitará suas súplicas*” (v. 17)? A resposta é que algo, da parte de Deus, mudou o interior da vida dele.

Em situações de crises, em momentos de angústias e adversidades, de nada adiantará ignorarmos os problemas ou buscarmos consolo nas diversões e prazeres que o mundo oferece. Correntes e sacrifícios religiosos, também de nada valerão. O que precisamos é de uma experiência real, impactante e transformadora, com a pessoa a quem chamamos de Deus. É a presença de Deus que muda a perspectiva da nossa vida. Principalmente porque Ele não entra crise por causa das nossas crises, nem se escandaliza com as nossas fraquezas e fragilidades. O próprio Senhor Jesus, enquanto homem pregado na cruz, vivenciou uma crise a ponto de exclamar: “*Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*” (cf. Marcos 15.34 – NVT). É difícil imaginarmos essa cena nos dias atuais. Talvez alguns de nós até criticasse Jesus por causa dessa atitude considerada “humana”. Mesmo entre nós, temos dificuldade de expressar nossa humanidade. Nos acostumamos a conviver com cristãos “santarrões”, onde até Jesus perto deles seria considerado “carnal”. Como medo de sermos reprovados diante homens, vivemos uma cristandade holográfica diante de Deus. Atuamos como artistas e nos

apresentamos diante dEle como se fôssemos perfeitos. Mas quando agirmos assim, impedimos o trabalhar de Deus em nossa vida porque Ele não se comunica com personagens. Deus se relaciona com pessoas. O Senhor Jesus conhece realmente quem nós somos. Por ter experimentado na terra uma vida compatível com a nossa, cheia de limitações, cansaços e sobrecargas, é que Ele nos diz: “*Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso*” (Mateus 11.28). Portanto, a exemplo do salmista, precisamos nos lançar com entusiasmo nos braços dAquele que pode conceder, a cada um de nós, uma perspectiva de futuro que se eleva acima das circunstâncias e até mesmo da lógica humana.

Imagine por alguns instantes uma vidraça. Sabemos que quando há diferença entre a temperatura interna e externa em uma janela de vidro, ela fica embaçada. Quando isso acontece, passamos a mão sobre o vidro e transparência da janela é restaurada. Do mesmo modo, quando há diferença entre a realidade que projetamos em nosso interior e a realidade presente em nosso exterior, nossa visão de mundo também fica embaçada. Quando isso acontece, deixamos de enxergar soluções para os nossos problemas pessoais, conjugais, familiares e existenciais. Deus é aquele que, com Suas mãos poderosas, remove o embaçado das janelas da nossa vida e nos permite contemplar novo horizonte, cuja paisagem revelará a nós um futuro promissor. Mas essa mudança só ocorrerá à medida que nós absorvermos as lições que o salmista obteve com Deus.

A experiência que o salmista vivenciou com Deus teve significado extremamente valioso e, principalmente, pedagógico para ele. Tanto que ele ordena que o seu aprendizado seja escrito para servir como lição “*para as gerações futuras*” (v. 18). O desejo do poeta é que, no futuro, as pessoas que ainda não de nascer conheçam a Deus intimamente e louvem ao Senhor com uma compreensão realista de quem Deus é. Mais que isso. Ele aspira que as pessoas façam dessa compreensão, uma declaração de fé. **Às vezes Deus faz o milagre para nos abençoar. Às vezes Ele nos transforma em milagre para sermos uma bênção.**

Portanto, com base nos escritos do salmista, o que podemos aprender com ele? Quais ensinamentos podemos extrair de suas palavras, que transcenderam o tempo, o espaço e chegaram até nós? Vejamos:

“Contem-lhes que o SENHOR olhou para baixo, de seu santuário celeste. Do alto olhou para a terra” (v. 19) – A primeira lição é que, o mais importante, não é **encontrarmos** Deus. É sermos **achados** por Ele. Por causa da compreensão parcial de alguns textos bíblicos como: “*Busquem o SENHOR enquanto podem achá-lo; invoquem-no agora, enquanto ele está perto*” (Isaías 55.6); ou “*Se me buscarem de todo o coração, me encontrarão. Serei encontrado por vocês...*” (Jeremias 29.13-14a), somos levados a pensar que Deus é alguém sempre muito ocupado, que não está acessível a todo momento e que precisa ser “caçado” por aí. Há pessoas que vivem correndo atrás de Deus nos cultos, nas vigílias, nos retiros e se esquecem que quem corre atrás nunca chega na frente. Na realidade, o que

precisamos é permitir que Deus nos encontre uma vez que Seus olhos estão voltados para nós. O pastor norte-americano Aiden Wilson Tozer (1897–1963) costumava dizer que “*ter encontrado Deus e ainda buscar por Ele é o paradoxo da alma*”, pois, se já encontramos Deus, se já O conhecemos, por que ainda O procuramos? Não é para O encontrarmos novamente. Mas para cultivarmos o encontro já ocorrido e não O perdermos de vista. Afinal, a nossa comunhão com Deus não é alimentada por encontros. Mas, por relacionamento.

Em todas as religiões do mundo o homem tenta de alguma forma buscar a Deus, se encontrar com o divino. Mas no cristianismo não é assim. Nele, é Deus quem está buscando o homem. O próprio Senhor Jesus Cristo declarou: “*Pois ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer a mim*” (João 6.44). Na realidade, desde o início da criação, mesmo após a entrada do pecado mundo, é Deus quem vai em direção ao homem com a intenção de encontrá-lo. Quando Adão pecou, ele procurou se esconder de Deus entre as árvores (cf. Gênesis 3.8). Ainda assim, “*o SENHOR Deus chamou o homem e perguntou: ‘Onde você está?’*” A despeito do pecado cometido por Adão, Deus ainda quis encontrá-lo. Muitas vezes gastamos toda a nossa energia correndo atrás de Deus como se Ele fosse uma divindade em fuga.

A maioria dos nossos discursos envolve a busca por um encontro com Deus. Mas muito pouco é dito sobre o que fazer no momento seguinte a esse encontro. Não atentamos para o fato de que todo encontro do ser humano com Deus, é orquestrado pelo próprio Deus. Nós só entramos na presença divina, porque ela está a nossa espera, mesmo que não tenhamos a menor consciência disso – o encontro do Senhor Jesus com a “mulher samaritana” (cf. João 4.6-7) é um belo exemplo. A mulher não sabia. Mas Jesus a aguardava. Cansado da viagem, Ele poderia descansar em qualquer lugar. Mas escolheu se sentar junto ao poço, onde em instantes surgiria a mulher. O início e a construção do diálogo também partiram de Jesus. Poderíamos pensar que a mulher samaritana se encontrou com o Senhor Jesus, quando de fato ela foi encontrada por Ele.

A passagem bíblica afirma que Deus do Seu santuário observa a terra, isto é, as pessoas que vivem nela. Você já parou para pensar que Deus, neste exato momento, está prestando atenção em você? Nos acostumamos a usar o *Godsapp* na esperança de um dia vermos dois tiques azuis. Nos esquecemos de que Deus está sempre *online*. O salmista Davi, como paráfrase do versículo 19, declara: “*O SENHOR, porém, está em seu santo templo; o SENHOR governa dos céus. Observa a todos com atenção, examina cada pessoa na terra*” (Salmo 11.4). Deus nos observa dos céus continuamente. Sendo assim, o problema não é onde Deus está e sim onde nós estamos. Portanto, não se esconda de Deus, mas se esconda em Deus. O salmista aprendeu que mais do que buscar a Deus, ele devia se permitir ser achado por Ele. Um dos princípios da oração é que ela sempre envolve diálogo. Oração é uma via de mão dupla. Mas muitas vezes a transformamos em monólogos porque não temos paciência para esperar Deus se conectar com o íntimo do nosso ser.

“Contem-lhes que o SENHOR olhou para baixo, de seu santuário celeste. Do alto olhou para a terra, para ouvir o gemido dos prisioneiros, para libertar os condenados à morte” (vv. 19-20) – Se somos achados é porque Deus nos procurou. Se Deus nos procurou é porque Ele possui um propósito conosco. Que propósito é esse? É o de ouvir nossos gemidos, nossas necessidades, nosso clamor e de nos libertar das nossas “prisões”. Foi o que aconteceu com o salmista. Ele estava chorando, se lamentando, derramando lágrimas na presença de Deus e, de repente, ele percebeu que não estava sozinho naquela ocasião. Ele se viu achado por Deus e amparado pelas Suas poderosas mãos. Naquele instante o poeta soube que suas palavras de dores e angústias não eram lançadas ao vento. Ele sentiu que Deus ao seu lado mesmo em situações extremamente adversas. Às vezes interrompemos o hábito de orar porque achamos que a única resposta que obteremos será o silêncio divino. Pensamos que, a despeito de estarmos falando com Deus, estamos na companhia apenas de nós mesmos e que não faz sentido persistirmos na prática da oração. Ignoramos o fato de que o Deus imutável (cf. Tiago 1.17), certa vez declarou: *“Olharei e ouvirei atentamente cada oração feita neste lugar...”* (2Crônicas 7.15 – Nova Versão Transformadora). Quem ouve a Deus, por Ele será ouvido.

Além de Deus atentar para as nossas orações, Ele também quer nos libertar das prisões que sufocam a nossa alma. Todos nós alimentamos algum tipo de “prisão” que nos impede de ser quem somos no coração de Deus. Algumas pessoas estão presas em cadeias de amarguras, de ódio, de ressentimentos. Outros estão aprisionados pelas visões equivocadas de si mesmos. Na vida, todos nós somos o resultado daquilo que acreditamos ser. Somos o produto da nossa fé. Se cremos que estamos derrotados, derrotados estamos. Ainda há aqueles que experimentam prisões existenciais que os impede de caminhar, de sorrir, de servir ao próximo, de fazer algo produtivo e ser alguém relevante para a própria geração. São pessoas que nascem, crescem, envelhecem e morrem, sem nunca terem vivido. O resultado dessas prisões de acordo com o texto bíblico é a condenação à morte. Talvez não a morte física, mas a morte do ser. A morte da esperança, a morte dos sonhos e projetos de conquistas futuras. A morte do desejo de amar e se perceber amado, querido por alguém.

A partir do momento em que o salmista tem consciência de que Deus o ouve, de que está ao seu lado nos momentos adversos e que deseja libertá-lo de suas prisões, sua perspectiva da realidade muda. Revigorado pelo sentimento de esperança que provém de Deus, ele ordena que seu aprendizado seja registrado para servir de lição às futuras gerações e declara que, em razão disso, *“o nome do SENHOR será proclamado em Sião, seu louvor, em Jerusalém, quando os povos se reunirem e os reinos vierem para servir ao SENHOR”* (vv. 21-22). No entendimento do escritor, quando as pessoas tivessem a mesma experiência com Deus que ele teve, elas se reuniriam para adorar ao Senhor em razão, não daquilo que Ele pode fazer, mas, em virtude do que Ele já tem feito no coração daqueles que O amam. Nem todo louvor a Deus é fruto de uma experiência com Ele. Mas toda experiência com Ele resulta em louvor, para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela.

Se aplicarmos as lições aprendidas pelo salmista em nossa vida, as nossas adversidades vida não desaparecerão. Os problemas não deixarão de existir. Mas a maneira como nós encaramos essas situações mudará. Em que sentido? Antes, éramos nós e os nossos problemas. Agora, seremos nós, os nossos problemas e Deus, que no controle de tudo diz: *“Aquietem-se e saibam que eu sou Deus! Serei honrado entre todas as nações; serei honrado no mundo inteiro. O SENHOR dos Exércitos está entre nós; o Deus de Jacó é nossa fortaleza”* (Salmo 46.10-11). No final do salmo, o poeta sabe que as suas lutas e dificuldades não cessaram. Ele está convicto de que a dor em sua alma, em seu físico, em sua realidade de vida, ainda se faz presente. Mas por ter sido alimentado e fortalecido pela fé, fruto de sua experiência com Deus, ele declara: *“Os filhos de teus servos viverão em segurança, e seus descendentes prosperarão em tua presença”* (v. 28).

Para finalizarmos, prestemos atenção em um pequeno trecho da “Parábola do Filho Pródigo”, que narra a história de um moço que, na ânsia de curtir a juventude como bem quisesse, pediu antecipadamente a herança para o pai e, depois de desperdiçar todos os recursos que recebera, passou a viver – literalmente – uma porcaria de vida. Contudo, em determinado momento, ele se arrependeu dos atos praticados. A partir daí a narrativa bíblica registra que:


“[17] Quando finalmente caiu em si, disse: ‘Até os empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu estou aqui, morrendo de fome. [18] Vou retornar à casa de meu pai e dizer: Pai, pequeei contra o céu e contra o senhor, [19] e não sou mais digno de ser chamado seu filho. Por favor, trate-me como seu empregado’. [20] Então voltou para a casa de seu pai. Quando ele ainda estava longe, seu pai o viu. Cheio de compaixão, correu para o filho, o abraçou e o beijou.” (Lucas 15.17-20 – Nova Versão Transformadora)

O texto acima fornece elementos de comparação que ilustram o modo como Deus se relaciona com o ser humano arrependido. Nele, o filho arrependido caminha na esperança de se encontrar com o pai. Imagine o que se passava na mente daquele menino, enquanto caminhava. Talvez perguntas como: “Será que o meu pai estará em casa quando eu chegar? Será que ele falará comigo? Será que ele me aceitará como empregado?” Do mesmo modo, quando você “caminha” em direção a presença de Deus, talvez se pergunte: “Será que quando eu oro Deus me vê? Será que Ele me ouve quando clamo? Será que Deus se compadece de mim, por causa dos meus sofrimentos?”

Mas, o que era para ser um encontro do filho com seu pai, se tornou no encontro do pai o filho. Na passagem bíblica, o filho ainda não tinha visto o pai. Mas o pai já havia enxergado o filho. O pai o avistou o filho de longe – como Deus, que nos avistou do seu *“santuário celeste”* (cf. Salmo 102.19), mesmo que não possamos vê-Lo. Agora, responda: O filho **se encontrou** com o pai? A resposta é: não. O filho **foi encontrado** pelo pai. Repare nos verbos presentes no texto: foi o pai quem viu, quem correu, quem abraçou e quem beijou. O filho voltou para casa na intenção de encontrar o pai. Mas no caminho, foi o pai quem encontrou o filho, que *“estava perdido e foi achado”* (cf. Lucas 15.24).

Das alturas, Deus nos observa. Ele também quer nos encontrar, correr em nossa direção, nos abraçar e nos beijar. Só precisamos voltar ao caminho onde Ele está e, como todos nós sabemos, esse caminho tem nome: Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador (cf. João 14.6). Melhor que encontrarmos Deus é sermos achados por Ele. O Deus, que é a expressão máximo do amor, pergunta: 'Onde você está? ... Eu quero te encontrar, te abraçar, te beijar e te revelar o meu amor!'

Soli Deo Gloria.

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 27/11/2016, na Igreja de Cristo Pentecostal no Brasil em Jardim Primavera - Mauá/SP.